

Sobre amor, afeto e cidades

Paula de Oliveira Camargo (PPDESDI-ESDI/UERJ, Brasil)

paula.poc@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Escola Superior de Desenho Industrial

Programa de Pós-Graduação em Design

Rua do Passeio, 80 — Centro — Rio de Janeiro, RJ

Sobre amor, afeto e cidades

Resumo: O texto foi escrito como um exercício de pensamento sobre a cidade enquanto ambiente vivido e de vivências, mas também como um exercício de escrita. A partir de textos de design e antropologia, buscou-se refletir sobre o tempo e suas sobreposições no ambiente urbano, bem como sobre a própria condição de ser na cidade. Através de imagens captadas com telefones celulares que mostram o chão da cidade do Rio de Janeiro, são formuladas correspondências entre amor, afeto e cidades.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Design e Antropologia, escrita, correspondência, cidade, afetar.

About love, affection and cities

Abstract: *This paper was written as an exercise of thinking about the city as a lived and experienced environment, but also an exercise of writing. Starting from texts on design and anthropology, I sought a reflection about time and its overlaps in the urban environment, as well as on the very condition of being in the city. Through images that show the city of Rio de Janeiro's floor, the correspondences between love, affection and cities that guide the article are formulated.*

Keywords: *Rio de Janeiro, Design Anthropology, city, writing, correspondence, to affect.*

1. Introdução

Este texto foi produzido, inicialmente, com o objetivo de exercitar uma escrita mais livre, ainda que seguindo parâmetros e padrões acadêmicos. Durante os estudos, feitos a partir da leitura de textos de design, de antropologia, e de design e antropologia, me dediquei a buscar uma aproximação entre esses campos por meio da escrita. Como exercício, foi importante também o movimento de ensaiar escrever objetivando a fluidez em uma peça não-ficcional.

Propus, assim, um texto que aproximasse diversas das minhas experiências de vida a um olhar para a cidade que é bastante pessoal. É, dentre tantas outras "eus", o olhar da arquiteta e urbanista, da mestra em bens culturais e projetos sociais, da doutoranda em design, da trabalhadora e servidora municipal, da mãe, da mulher, da corredora, da cidadã, da carioca moradora do Méier-Cachambi-Barra-Leblon-SantaTeresa-Botafogo-JardimBotânico (não necessariamente nessa ordem) e da humana — categoria esta que será problematizada ao longo do ensaio.

Apresentarei também, junto ao texto, algumas imagens. Elas foram captadas em caminhadas em que aconteceram as seguintes etapas: percebi algo no piso que me chamou a atenção, fotografei esse algo (em geral, com meu telefone celular) e publiquei a imagem no meu perfil pessoal do *Instagram* com uma legenda e *hashtags* que considerei adequadas. Essas imagens, quando publicadas, não integravam nenhuma proposta acadêmica, artística ou documental. Eram tão somente registros de elementos que haviam capturado o meu olhar ao caminhar entre casa, trabalho, corrida e demais atividades cotidianas.

A partir desse ponto inicial, busquei dissecar, no texto, essas imagens e seus significados de outras maneiras, entendendo que há algo que as aproxima — e que esse algo pode ser um certo olhar com *atencionalidade* (no sentido de *attentionality*, como proposto por Ingold)¹, conseguido no ato do caminhar, em relação à cidade. Busquei, também, ensaiar uma perspectiva de produção acadêmica que pudesse aproximar todos esses modos do meu estar-no-mundo.

A primeira versão deste texto foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina de Acompanhamento de Estudos do Laboratório de

¹ Ingold, 2016. No artigo *On human correspondence*, Ingold apresenta o conceito de *attentionality*, que contrapõe com o conceito de *intentionality* (p.9). Se *intentionality* pode ser facilmente traduzida por "intencionalidade", *attentionality* funde as palavras "atenção" e "intenção" como um "acoplamento ressonante de movimentos concorrentes".

Design e Antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A ideia era, justamente, que mestrandas e mestrandos, doutorandas e doutorandos praticassem o exercício da escrita de maneiras diversas e plurais.

Uma segunda versão foi apresentada, oralmente, na roda de conversa "Tempo e Produção de Mundo", que ocorreu durante o Seminário "Entremeios", realizado anualmente pelo Laboratório de Design e Antropologia no Centro Carioca de Design. Essa roda de conversa teve como puxadores Paula de Oliveira Camargo (PPDESDI-ESDI/UERJ), Frederico Coelho (PUC-Rio) e Raíssa de Góes (PUC-Rio / Curva). O tema da roda — que transcrevo aqui, na íntegra, por acreditar ter relação direta com o texto ora apresentado — foi descrito por mim da seguinte maneira:

O tempo é essencial para compreendermos a vida. Vivemos o tempo de maneiras diversas, experimentando-o de acordo com os acontecimentos que marcam nossas passagens pelo planeta. Nessas passagens, todas únicas, partilhamos o fato de estarmos materialmente presentes no mundo a um só tempo. Somos influenciados e modificados por eventos que acontecem através de nós, ou que nos perpassam ainda que originados por outros atores. Estar no mundo é viver o tempo. Comprimido, dilatado, expandido, permeado de acontecimentos que tornam nossas existências únicas e semelhantes. A maneira como experimentamos os fatos está diretamente ligada ao nosso estar-no-mundo, a como entendemos e vivemos individual e coletivamente os fatos à nossa volta.

A vida nas cidades está diretamente ligada e é influenciada pelos tempos que nelas se sobrepõem.

"Buscamos, nesta roda, falar da sobreposição de passados, presentes e futuros nas cidades. Sobre como decisões de permanências e de destruições moldam o presente que vivemos e o futuro que teremos como sociedade. Sobre como as tentativas de apagamento podem gerar novas e vívidas memórias daquilo que se tenta esquecer. Sobre como o tempo é único, e passado, presente e futuro são indivisíveis e não-lineares. Sobre como nosso estar-no-mundo inclui essas diversas percepções dos eventos, em que o tempo parece ser mais curto ou mais longo de acordo com como o experimentamos.

Propomos um debate onde linguagem, procedimentos de escrita, pesquisa e projeto buscam trazer à tona dimensões do tempo, da cidade, dos afetos.

Após algumas edições, chego a essa versão para publicação, visando mesmo a imperfeição das palavras em movimento. Este texto é o passo adiante, um passo que temo e, ao mesmo tempo, que preciso dar: o de lançar ao mundo uma escrita minha que mescle aspectos teóricos e de pesquisa sobre design e antropologia e sobre a cidade a reflexões e afetos pessoais.

2. Sobre amor, afeto e cidades

O orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas.

(Le Goff, 1997, p.119)

Cidades, para além do espaço do habitar, do viver em comunidade, são espaços de afeto.

Do afetar e do deixar-se afetar².

Estar na cidade é estar com pessoas. Milhares. Milhões delas. São habitantes, visitantes, passantes.

É dividir com desconhecidos o conhecimento do território, com-partilhar experiências diversas enquanto semelhantes e dessemelhantes. É viver um senso de comunidade que pode ser — simultaneamente — gregário e segregador.

O que dizer de con-viver, co-habitar, com-partilhar, co-existir nesses lugares chamados cidades?

Há muitas versões de cidades em uma cidade. Pode ser o local das violências e da busca por segurança. Local de des-cuidos. De cuidado. De des-encontros. De encontros. De des-afeto. De afeto. De morte. De vida.

Sobretudo, de vida.

Falo, aqui, da vida humana em co-existência com a vida presente em tudo que existe. De como sendo humanos — ainda que com todas as diferenças políticas, econômicas, culturais, identitárias, sociais, e mais tantas, presentes nessa mesma condição de humanidade — entendemos que devemos

² Favret-Saada, 2005.

(podemos?) (temos direito a?) habitar o mundo, estar no mundo. E de como ousamos configurar assentamentos urbanos para suprir necessidades e anseios imediatos dessa espécie.

Comer, estudar, trabalhar, morar, pensar, dormir, brincar, desejar, sofrer, deslocar, viajar, trepar, viver, morrer. Amar. Ações do existir que podem estar delimitadas e quiçá encarceradas nos perímetros de um local geográfico determinado.

Em algum momento (alguns) humanos entenderam ter o direito, a prerrogativa — a audácia! — de alterar conscientemente o mundo no tempo, e de adaptá-lo a essas necessidades reais ou imaginadas. Quis-se crer que há um certo tipo de configuração espacial que atende a esses propósitos. Ruas. Quadras. Bairros. Distritos. Regiões. Zonas. Espaços determinados para atender a propósitos específicos. Leis que regem a ocupação desses espaços e que determinam quem pode estar aonde, e por quanto.

Comércio aqui. Habitação ali. Diversão acolá.

Aqui pode isso, mas não pode aquilo. Aquilo que pode aqui, não pode lá.

Dividimos e mapeamos pessoas, determinamos como essas pessoas se deslocam, monetizamos a existência na cidade, criamos barreiras mesmo nas ligações. Pode andar de ônibus, sim. Pode ir e vir. Claro. Pode morar. Lógico. Se tiver dinheiro. Uma das consequências desse sistema é que criamos espaços de [inclusão] e de [exclusão] na cidade dependendo de quanto se pode gastar com qualquer ação.

Estamos, esses humanos-urbanos, nos incluindo e excluindo de sistemas nas cidades a todo momento.

Poderia discorrer sobre como a renda pessoal, familiar e o capitalismo agem nesses sistemas, influenciando tanto as formas de produção de cidade como o direito às mesmas, mas acredito que esse seja tema para outro ensaio.

O que quero discutir aqui é que já se naturalizou de tal maneira o viver no espaço da cidade que, muitas vezes, esse é simplesmente um não-pensamento. Não ocorre mais. Não quero dizer que não ocorra a determinadas pessoas o questionamento sobre permanecer ou não nas cidades. Obviamente, anseios pessoais podem levar indivíduos a almejar e a conquistar uma condição não-urbana de estar no mundo. Quero, sim, colocar que — mesmo a esses que se questionam sobre viver ou não em cidades — via de regra não ocorre o pensamento sobre a existência, em si, de cidades. Não parece ser viável o mundo sem que existam as cidades.

Criamos o sistema. Nos adaptamos ao sistema. Administramos o sistema. Vivemos no sistema.

Questionamos o sistema?

A cidade pode ser um espaço de aridez de significados. Pode ser um ambiente duro, desafiador, inóspito.

Quem tem direito à cidade?

Estando na cidade e querendo a cidade, é possível querer estar e ser na cidade?

Somos uma sociedade anestesiada?

Embora eu, pessoalmente, acredite em "permanecer com os problemas"³ e em lidar com eles na condição de humanos no mundo, e *sendo* mundo — e, por *ser mundo*, quero dizer também estar/ser *junto a* e *com* tudo que existe na Terra: elementos e seres vivos co-respondendo⁴ nos ambientes em que vivem em todas as suas categorias e complexidades, e não apenas "humanos"⁵ — acredito também em encontrar a beleza, a delicadeza, a poesia da nossa transitoriedade enquanto seres vivos e morrentes neste também frágil, delicado e potente planeta.

Acredito que as ações, enquanto humanos *estando* no mundo e *sendo* mundo, reverberam. Que afetamos e somos afetados⁶ em relações multidimensionais

³ Haraway, 2016.

⁴ Ingold, *op. cit.*, p.9. Em *On Human Correspondence*, Ingold apresenta uma proposição sobre a vida social, partindo da premissa de que todo ser vivo deveria ser entendido como um feixe de linhas as quais, juntando-se umas às outras, criam uma malha. E, comunicando-se umas com as outras, linhas de vida co-respondem. Ele propõe, assim, o termo *correspondência* para conotar essas associações, que são descritas em detalhe ao longo do artigo.

⁵ Em um primeiro momento, pensei em usar a expressão "humanos e não-humanos", dialogando diretamente com o livro *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*, de Donna Haraway. Porém, compreendendo que o próprio "ser humano" pode ser entendido como um sistema com os seres que o habitam (o *dentro* de seu corpo) e com o mundo que habita (o *fora* de seu corpo), a dicotomia entre humanos e não-humanos se torna problemática. Todo humano é também — e inevitavelmente — composto de não-humanos, e só pode ser humano no mundo que habita fora do limite de seu próprio corpo. A condição de humanidade, assim, se faz mundo com os mundos que habitam dentro e fora desses corpos, que só se fazem íntegros e integrantes junto aos seres que os habitam interna e externamente.

⁶ Ingold, *op.cit.*, pp.15-17. Trago aqui, ao pensar este "afetar e ser afetado", o conceito de *doing undergoing* (em uma tradução livre, fazer sendo afetado por) presente na obra de Ingold. Ele ressalta, no conceito de *doing undergoing*,

que não podem ser entendidas de maneira hierárquica em nenhuma direção. Que vivemos uma era em que os problemas criados pelas soluções que criamos estão exponencialmente magnificados pelas lentes do acúmulo e da sobreposição de soluções, e de problemas decorrentes dessas "soluções". O que gera novas supostas soluções, que geram novos problemas, e assim sucessivamente.

Essa sobreposição de acúmulos gera uma sensação de impotência.

Vivemos um tempo de excesso de positividade, cuja violência máxima se desenvolve "precisamente numa sociedade permissiva e pacificada"⁷, sendo essa violência saturante e exaustiva — além de um grande risco. Tanto o excesso de positividade como a violência dele advinda se configuram numa exacerbação de estímulos e cobranças de toda ordem, que vêm a negar a própria negatividade que poderia combater o que é estranho ao sistema.

Imunologicamente falando, o que pode combater um mal que aflige o corpo é um mecanismo que nega esse mal (um antibiótico, no caso de uma infecção por bactérias), gerando uma negatividade necessária ao sistema.

Superprodução, superdesempenho, supercomunicação são características de uma positividade excessiva em que o sujeito de desempenho é, a um tempo, seu próprio servo e senhor, prisioneiro e vigia, vítima e agressor, formulando um *eu-ideal* inalcançável. Não é mais "o outro" — ou a negatividade — o que aflige o sujeito de desempenho, mas esse eu-ideal cujos parâmetros inatingíveis configuram o eu real como um fracasso.⁸

o "agir" (ativo) e o "ser afetado por" (passivo). Uma pessoa, ao fazer algo, pode ter a volição do ato de fazer, mas afeta também a si mesma e a outras pela experiência daquilo que está sendo feito para que um resultado seja alcançado. Após essa experiência, pode-se tentar fazer a mesma ação com o mesmo resultado, mas nem os envolvidos serão mais os mesmos que eram antes de terem passado pela primeira experiência, nem o resultado será sempre o mesmo. Dessa forma, performar uma experiência seria "fazer sendo afetado por", o que traz não a mudança imposta, vinda de fora para dentro, mas a transformação, que ocorre de dentro para fora.

⁷ Em *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chul Han elabora o conceito de positividade sob a perspectiva das patologias. "Cada época possui suas enfermidades fundamentais. (...) Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico ou viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos (*sic*), provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de *positividade*. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho" (Han, 2015, pp.7-8).

⁸ Han, *op.cit.*, *passim*.

É possível perceber a ação e os efeitos do excesso de positividade no ambiente da cidade. Nos seres que habitam a cidade. Sobram estímulos, sobra conteúdo, sobram impulsos.

Seja. Compre. Tenha. Venha.

Estar não-estando. Ser não-sendo. Ruptura estrutural, fragmentação, destruição da atenção⁹. Bombardeio contínuo e consistente de informações, propaganda. Andamos com o rosto fixado em telas, esbarrando-nos uns contra os outros, usando fones de ouvido. Tropeçamos no andar errático. Buscando o quê, além do que o *estar na rua* oferece?

O olhar para cima é — quase sempre — promessa de alento, de esvaziamento desses excessos. Céu. Azul, cinza, chumbo, rosa, não importa. Folhagens de árvores. Verdes, amarelas, vermelhas, marrons, não importa. Lua. Crescente, cheia, minguante, nova... não importa. O sol que ofusca o olho.

O olhar para cima promete o vazio que a alma busca para escapar à positividade doentia.

Entretanto, com tamanha frequência é para o chão que olhamos...

Para o piso.

Para o calçamento.

Para o buraco.

Para não tropeçar.

Para não molhar os pés.

Para não ver o outro.

Para não olhar no olho.

Para não cair.

Para esconder.

Para ninguém ver.

(O olhar para baixo é segurança. E defesa.)

Para não sofrer.

⁹ *idem*, p.31

Para.

Para tudo.

No caminhar des-atento, com os olhos no chão, encontro mensagens — por vezes intencionais, por vezes acidentais — de amor. De delicadeza. De afeto. Mensagens que podem afetar. Mensagens pelas quais pode-se deixar afetar. Mensagens com as quais pode-se afetar. E criar outros afetos. Ativos.

São mensagens para. Com. Junto. Entre.

São convites.

A estarmos atentos. A apreciar. A responder¹⁰. A viver.

A cidade, os humanos que somos em soberbas relações de dependências com estruturas que criamos. Ou, ainda, que co-criamos.

¹⁰ Haraway, *op. cit.*

Em *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*, Haraway traz em algumas passagens a expressão *response-ability* (pp.2, 110, 111, 189n6, 199n67; entre outras em que o termo aparece associado a outros). Ao desdobrar *responsibility* (responsabilidade) em *response-ability* (que poderia ser entendido como uma fusão entre a responsabilização com a capacidade / habilidade de responder), entendo que H. traz novas possibilidades e implicações para o ser, movendo-o de um lugar superior — o de uma suposta responsabilidade por seus atos — para um lugar mais horizontal, em que as ações demandam respostas e co-laboração (no sentido de laborar junto). A responsabilidade passa, assim, a ser não apenas "acusatória", mas uma capacidade de responder aos desafios da própria existência junto aos demais seres e à própria Terra.



Feliz aqui.

FUI FELIZ NESSE LUGAR

Intervenção artística @oraculoproject. Ciclovia da Praia do Leme. 2018.

Não estamos sozinhos no território. Temos teias de relações, agências e potências que cercam tudo aquilo com que co-existimos. Não precisamos "escolher entre o Apocalipse e o futuro radiante"¹¹. Con-vivemos no espaço da cidade. Essa con-vivência ativa, agente e inclusiva de todos os seres, faz da existência comum uma experiência definidora de como ver o mundo, de como ser no mundo e de como nele se colocar.

Estamos. Junto.

Vivemos. Junto.

Somos. Junto.

O que nos faz juntos?

Estar no mesmo território? Uma delimitação geográfica? Linhas no mapa?

¹¹ Latour, 2016.

Há algo que nos identifica e nos dá a sensação de pertencimento a um lugar, um bairro, uma cidade. Pode ser uma certa sensação do estranhamento e do acolhimento afetivo que co-existem no tempo denso de uma mesma vida.

Cresci conhecendo aquelas ruas. Aquelas casas. Aquelas árvores. Aquele cachorro da vizinha. Aquele vizinho que conserta a moto todo dia. Aquele senhor que rega as plantas cantando antes de ir para o trabalho. Aquele alto-falante que anuncia sempre no mesmo horário que levará qualquer tranqueira que se tenha em casa. Aquele trajeto que sempre tem um despacho na encruzilhada. Aquele outro que é mais longo, mas que passa pela padaria que tem o melhor pão-de-queijo. Aquele cinema que virou igreja. A casa que era daquela amiga da Vovó e que segue firme, sendo a única em meio aos edifícios que tomaram o lugar da casinha idêntica onde meus avós moravam. A confeitaria que virou banco. O banco que continua sendo banco. O armário que persiste. O cinema que continuou cinema, mas que foi reformado, e cujos nomes de filmes-pornô que não faziam sentido na infância se transformaram em títulos europeus premiados.

Existências humanas e das coisas urbanas que seguem mu[n]dando, se transformando e trazendo afetos à tona.

Pequenas felicidades associadas a territórios de afeto.

Podemos nos mudar, e não apenas de cidade.

Teremos novas e sobrepostas referências e memórias daquilo que pode ser considerado o nosso pequeno inventário particular de patrimônio histórico e cultural de uma vida humana na Terra.

Mas andamos, no agora, olhando para o chão.

Trafegamos olhando para telas.

Submersos, afogados, na positividade excruciante.

Mas eis que, olhando para o chão, vejo a mensagem de amor.



Amor.

AMOR

Autor desconhecido. Calçada na Rua Voluntários da Pátria, em frente ao número 138. Botafogo. 2018.

Apresentei essa imagem no *Instagram* com a legenda "Delicadezas urbanas: o que é realmente importante".

Uma calçada. Um dia de chuva. O bairro é Botafogo, no Rio de Janeiro, onde moro. Nesse bairro, as calçadas se alargam e se estreitam de maneira irregular, dificultando a passagem de pedestres e privilegiando a circulação de ônibus e de carros.

Um remendo, feito em cimento sobre o piso-padrão, apresenta a inscrição "AMOR". Em tantos lugares falhado e esburacado, o piso foi, nesse local específico, nivelado. Esse gesto já é, em si, um ato de amor. À cidade, às pessoas, às calçadas, à existência no micro, no pequeno, no cotidiano.

Mas há mais amor nessa imagem.

Essa pequena e singela intervenção tem tantos, tantos significados. Sobreposições de camadas urbanas nas quais alguém decidiu intervir, ainda

com o cimento fresco, para deixar uma mensagem para quem passasse olhando para baixo.

Alguém viu no piso recém-feito a oportunidade de expressar AMOR. Por uma pessoa. Por uma rua. Por um bairro. Por uma cidade.

O amor está.

Ao ver AMOR grafado no piso remendado, quem passa pode registrar, reverberar e propagar esse amor. Emanar amor pela cidade e pela vida na cidade através do registro do gesto que não se pretende efêmero. Usando do excesso. Da positividade. Da tecnologia. Da informação. Da imagem. Da supercomunicação. Cria-se mais uma imagem, que foi publicada para que quem anda sem olhar à volta de si possa ver que sim, há amor. A imagem na tela mostra a imagem do piso.

Uma imagem de amor.

Coração.

A fotografia a seguir traz, também, uma imagem de amor. Porém, diferentemente da anterior, esta imagem mostra um buraco. Uma falha no calçamento em pedras portuguesas da rua Gago Coutinho, no bairro de Laranjeiras, um dos meus locais de trabalho.

Falha. Defeito. Irregularidade. Imperfeição. No que não é perfeito surge a forma. O símbolo maior do amor. O coração. O órgão que nos permite a vida em seus constantes batimentos de expansão e retração.

A pedra-portuguesa, também um símbolo — um dos mais icônicos da cidade do Rio de Janeiro — tem essa característica: as pedras se soltam com frequência. E, ao se soltarem, criam novos padrões que vão além do pretendido nos desenhos formais previamente projetados. Criam novas formas, à revelia de tudo.

Nesse caso, a forma de um coração.



Calçada na Rua Gago Coutinho. Laranjeiras. 2016.

Essa imagem é, para mim, muito emblemática. É complexa em sua beleza inesperada / não-planejada causada pela degradação. Só é possível como registro, pois o piso já foi restaurado após o aparecimento dessa forma. Nesse caso, na pedra portuguesa de uma cor só, o conserto não deixa marcas evidentes como as apresentadas na grafia AMOR na foto anterior. É um carinho inesperado, e é preciso estar atenta para ver esse delicado acidente como beleza e poesia urbana. Há que se estar disponível para deixar-se afetar pelo que nos cerca.

Novamente, a imagem na tela mostra a imagem do piso. Uma imagem de amor. Só que, desta vez, um registro intencional de uma possível não-intencionalidade.

Cidade, calçada, caminho. Pedra e amor.

Somos unidos e únicos nas nossas diferenças e semelhanças, constituímos-nos como grupos em assentamentos urbanos e culturais. Uma cultura de deixar o

nomadismo para nos estabelecermos em locais aos quais nos apegamos, criamos amarras auto-impostas e com sentimentos tão conflitantes.

A cidade pode sim ser inóspita, suja. Pode ser o lugar de violências e de exclusão.

Mas é sim, também, lugar de afeto, de amor, de resistência e de existência na humanidade complexa e múltipla que busca ver o detalhe, a delicadeza, o cuidado — mesmo que na imperfeição.

Com amor às cidades, e especialmente ao Rio de Janeiro,

Paula

3. Considerações Finais

Essas imagens foram apresentadas para ilustrar as ondas de amor que podem existir nas cidades. E como sou afetada e posso deixar-me afetar por essas imagens.

Esse foi um primeiro esforço para construir este ensaio de amor e afeto nas cidades. O tema se cruza com, e complementa, outro sobre o qual venho me debruçando: o do tempo urbano do patrimônio histórico e cultural, que traz o debate sobre as escolhas de passados que queremos no futuro e sobre a densidade, esfericidade e tentacularidade¹² do tempo.

Quero continuar a estudar e pesquisar esses aspectos urbanos que se relacionam com efemeridade, com complexidades, com escalas pequenas que podem ter grandes impactos nas vidas das pessoas, no que é afeto à pessoa em sua alma, em como a cidade é vivida conjunta, coletiva e individualmente por cada um de nós.

Como explicitado na introdução, este foi um exercício de escrita a partir de reflexões sobre textos de design e antropologia, sobre o tempo, sobre a cidade, e também sobre o próprio ato de escrever academicamente¹³.

¹² O *tempo tentacular* como um tempo que se retrai e se expande, sendo denso e sobrepondo-se a si mesmo. Este tema está sendo desenvolvido no artigo *Linear and spheric time: past, present and future at Centro Carioca de Design, Rio de Janeiro*, a ser apresentado no *ICDHS 10th+1 Conference — Barcelona 2018*.

¹³ Agradeço a Zoy Anastassakis, Raquel Noronha, Otavio Leonidio e companheiros do LaDA pelas leituras atentas. Agradeço, também, a Fred Coelho, Raissa de Góes e a todos os presentes à roda de conversa "Tempo e Produção de Mundo" da quinta edição do Seminário "Entremeios", pela escuta atenciosa, comentários precisos e incentivo para a publicação deste texto.

Referências

CAMARGO, P.; ANASTASSAKIS, Z. **Linear and spheric time: past, present and future at Centro Carioca de Design, Rio de Janeiro**. In: International Committee of Design History and Design Studies. Conference (IIa:2018:Barcelona, Catalunya), p. 747-751. Barcelona: Singularitats Collection, 2018.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado**. Revista Cadernos de Campo, 13: 155-161, 2005. Tradução: Paula Siqueira.

GOLDMAN, M. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia**. Revista Cadernos de Campo, 13: 149-153. 2005.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Tradução: Enio Paulo Giachini.

HARAWAY, D. (2016). **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

INGOLD, T. (2017). **“On human correspondence.”** Journal of the Royal Anthropological Institute, 23, Issue 1: 9-27
onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9655.12541/full (last accessed 12/18/17).

LATOUR, B. **Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas**. São Paulo: Editora 34, 2016. Tradução: Jamille Ribeiro Dias.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes.

Como citar

CAMARGO, Paula de O. **Sobre amor, afetos e cidades**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 11 Número 2 Novembro 2018. pp. 104-122. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]

DOI: 10.12957/arcosdesign.2018.47519



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.